

INTERPRETAÇÕES TOPONÍMICAS DA PAISAGEM DO POVOADO DE FAZENDA VELHA, SETE LAGOAS, MINAS GERAIS

**TOPONIMIC INTERPRETATIONS OF THE LANDSCAPE
OF FAZENDA VELHA VILLAGE, SETE LAGOAS, MINAS
GERAIS**

**INTERPRETACIONES TOPONÍMICAS DEL PAISAJE DEL
POBLADO FAZENDA VELHA, SETE LAGOAS, MINAS
GERAIS**

DOI 10.33360/RGN.2318-2695.2020.i1.p.54-72

Ana Carolina Santos e Silva

Mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa (UFV)

E-mail: anacarolinasesilva@gmail.com

Jéssica Poliane Gomes dos Santos

Graduada em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

E-mail: jessicapoliane@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7396-6162>

José Antônio Souza de Deus

Doutor em Geografia pela Universidade Federal em Geografia (UFRJ)
Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

E-mail: jantoniosdeus@uol.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1737-4960>

Maria Augusta Mundim Vargas

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)
Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: guta98@hotmail.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0815-6187>

RESUMO

Este artigo traz uma análise dos registros toponímicos do bairro rural de Fazenda Velha, localizado em Sete Lagoas – centro industrial situado ao Norte de Belo Horizonte, MG. A coleta de dados foi realizada durante um percurso etnogeográfico pela observação, registro fotográfico e entrevistas, posteriormente complementada com bases cartográficas dos logradouros e setores censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. É nossa intenção apresentar, dentre outras, a possibilidade de ampliar estudos acerca da paisagem cultural por meio da nomeação dos lugares. O trabalho revelou as toponímias em Fazenda Velha como importantes veículos de reafirmação das identidades, principalmente no que diz respeito aos territórios religiosos expressando-se, tais registros, além da dimensão simbólica e apresentando-se como um local de práticas socioculturais.

Palavras-chave: Socioespacialidades. Etnogeografia. Bairro Rural.



ABSTRACT

This paper analyzes the toponymic records of Fazenda Velha rural neighborhood (situated in Sete Lagoas, Minas Gerais state, southeastern Brazil). Data collection was carried out during an ethnogeographic route through observation, photographic record and interviews, later complemented with cartographic bases of the streets and census sectors of the Brazilian Institute of Geography and Statistics – IBGE. It is our intention to present, among others, the possibility of expanding studies on the cultural landscape through the naming of places. The work revealed the toponymy in an old farm as important device for reaffirming identities, especially with regard to religious territories themselves expressed beyond the symbolic dimension and revealed as a place of socio-cultural practices.

Keywords: Sociospatialities. Ethnogeography. Rural Space.

RESUMEN

Este artículo presenta un análisis de los registros toponímicos del barrio rural de Fazenda Velha, en Sete Lagoas, MG, Brasil. La recolección de datos se llevó a cabo durante un viaje etnogeográfico a través de la observación, el registro fotográfico y las entrevistas, luego se complementó con bases cartográficas de las calles y sectores censales del Instituto Brasileño de Geografía y Estadística – IBGE. Nuestra intención es presentar, entre otros, la posibilidad de ampliar los estudios sobre el paisaje cultural a través del nombramiento de lugares. El trabajo reveló las toponimias en una antigua granja como dispositivos importantes para reafirmar identidades, especialmente con respecto a los territorios religiosos que se expresan más allá de la dimensión simbólica, presentándose como un lugar de prácticas socioculturales.

Palabras clave: Socioespacialidades. Etnogeografía. Barrio Rural.

1. INTRODUÇÃO

O arcabouço maior deste texto é a compreensão da relação estabelecida entre toponímia e cultura e as possibilidades de estudos que considerem a observância da paisagem carregada de valor afetivo e de vínculos designados por meio de seus símbolos e signos. A motivação em elaborá-lo “em equipe” surgiu da facilidade em reunir os registros das experiências de campo proporcionadas pelas exposições e discussões sobre pesquisa em Geografia, ocorridas no âmbito da disciplina Instrumental e Técnicas em Pesquisa Qualitativa.¹ Procuramos compreender a paisagem pelos registros toponímicos e nomeação dos logradouros de Fazenda Velha, bairro rural do município de Sete Lagoas, situado a setenta quilômetros de Belo Horizonte. À paisagem cultural acoplou-se a discussão sobre territórios, levando em consideração que ambos os conceitos - paisagem e território - são categorias de análise intimamente vinculadas às linhas interpretativas da Geografia.

Comungamos com Cosgrove (2014) na postulação de que a paisagem deva ser analisada como produto de apropriações e transformações do meio pelo homem e que, dessa maneira, a

¹ Disciplina ministrada pela Prof^a. Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas em abril de 2019 no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, no contexto do Projeto de Mobilidade Acadêmica, Edital nº 10/2016-Capes/Fapitec; coordenação-geral da Prof^a. Sônia S. M. Menezes (UFS); e coordenação local, do Prof. José Antônio Souza de Deus. Cursaram a disciplina discentes, mestrandos e doutorandos, oriundos da UFMG, UFV, UFU e UNIMONTES.



paisagem corresponderia a expressões humanas intencionais compostas por muitas camadas de significados. Assim, por meio deste exercício, foi possibilitada a compreensão dos signos e símbolos contidos na paisagem de Fazenda Velha, seguindo trilhas analíticas mais subjetivas e menos atreladas às suas características físicas.

Na perspectiva de Berque (1998), a paisagem corresponde a uma marca, uma vez que revela uma civilização, faz parte dos seus processos de percepção, concepção e ação culturais com seus significados simbólicos, ou seja, como produto da apropriação humana. Ressaltamos nossas atenções para o que Berque (1998, p. 88-89) sugere como procedimento de análise, reportando o inventário como técnica para desvelar: (i) os aspectos ecogeográficos da relação sociedade-natureza; (ii) as representações que lhe são atribuídas – simbólica, material, funcional em diversos canais de percepção, da literatura à pintura; (iii) os conceitos e os valores atribuídos à natureza, seja por seus aspectos naturais, seja pelos aspectos sobrenaturais e artificiais, isto é, “como a sociedade concebe e julga [...] a própria natureza” e como isso se projeta em suas ações – na arquitetura, nos símbolos, na organização espacial; (iv) as políticas, no que concerne à gestão, à organização das instituições e ao arcabouço normativo. E como quinto nível da análise Berque (1998) propõe a junção dos quatro níveis de inventário, observando a interação entre eles para compreensão da paisagem cultural.

Segundo Gluszevicz, Borges e Vieira (2010), o estudo toponímico pode assumir importante papel na classificação dos locais. Trata-se de um tipo de investigação que é relevante para a sua análise tanto geográfica quanto cartográfica, posto que os nomes geográficos constituem registros históricos da passagem do tempo na ocupação do território com a consequente modificação da paisagem. Ora, sendo os registros toponímicos elementos que podem representar os interesses sociopolíticos de grupos locais, eles também influem na constituição de identidades e pertencimento dos habitantes. Daí a importância em se analisar a toponímia como um dos aspectos da paisagem cultural a ser inventariada, tal como muito pertinentemente sinalizado por Berque (1998).

Com essas observações, destacamos os caminhos teóricos discutidos, especialmente no que concerne à conceituação da paisagem como marca e matriz (BERQUE, 1998). Na sequência, apresentaremos os procedimentos metodológicos empregados para a apreensão da paisagem de Fazenda Velha, de forma a dar visibilidade, na próxima seção, à nossa interpretação da paisagem pelo entrelaçamento dialético dos conceitos entre o novo e o velho, o tradicional e o moderno, o urbano e o rural. Explicitamos que se procedeu, nesse sentido, à análise dos nomes das ruas, bem como dos elementos que registram os interesses sociopolíticos de grupos locais, e, consequentemente, à constituição de identidades e pertencimento dos seus habitantes. Procuramos

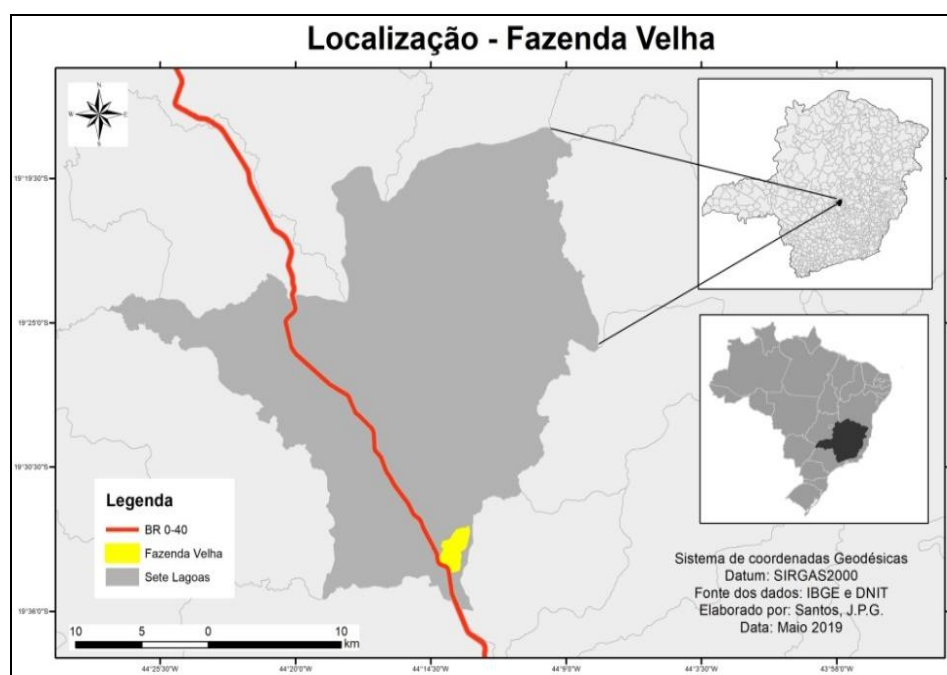


ainda, ao trazer os estudos toponímicos como elemento principal da pesquisa, compreender as dimensões ontológicas e territoriais, as identidades, significações e motivações associadas aos atributos socioculturais locais.

2. A PAISAGEM CULTURAL DE FAZENDA VELHA

O bairro rural de Fazenda Velha situa-se na porção sul do município de Sete Lagoas (Figura 1), que, por sua vez, está inserido na Zona Metalúrgica de Minas Gerais. Com localização privilegiada, a cidade dista setenta quilômetros de Belo Horizonte, estando situada nos limites de duas importantes regiões fisionômicas e socioespaciais do estado: o Quadrilátero Ferrífero, província mineral com ocorrência predominante de minério de ferro (hematita), originalmente ocupada, em termos de cobertura vegetal, pela floresta tropical úmida, denominada região das Minas; e a região dos calcários do Bambuí,² paisagem cárstica originalmente coberta pela vegetação de cerrado, denominada região dos Gerais.³

Figura 1: Localização de Fazenda Velha no município de Sete Lagoas.



Elaboração: Jessica dos Santos, 2019.

Estudos sobre o crescimento da área urbana de Sete Lagoas apontam que a expansão urbana tem se orientado de sua área central para nordeste, sudeste e sudoeste, acompanhando as vias de acesso à cidade – as rodovias MG-238, MG-424 e BR-040 –, bem como é aí que se

² Grupo Bambuí (unidade geológica neoproterozoica); Bacia do Bambuí – Cráton do São Francisco.

³ A esse respeito, ver Deus, Ferreira e Rodrigues (1997); Nogueira (2006); Deus, Barbosa e Castro (2019).



concentram as principais indústrias sediadas no município.⁴ A porção sudeste, onde está localizado o povoado, compreende as áreas de antigas fazendas que estão sendo transformadas em empreendimentos imobiliários. Fazenda Velha destaca-se pelo elevado número de chácaras e sítios de médio porte, cujos proprietários são habitantes de Sete Lagoas e de outras cidades da região, em sua maioria de classes média e média alta. Parte da população residente no povoado não é nativa, sendo oriunda, dentre outros, dos municípios de Capim Branco, Esmeraldas e Pedro Leopoldo.

De acordo com os levantamentos em campo, Fazenda Velha teria começado a se configurar como povoado na década de 1930.⁵ A formação do povoado, porém, tem seu início em 1900, com a mudança do uso do solo da fazenda que ocupava grandes tratos de terra de cana para a pecuária. Até a sua configuração atual, Fazenda Velha passou por diferentes momentos, alavancados por condicionantes específicos, dentre eles, a mudança da escola municipal e do antigo posto fiscal, respectivamente, para seu sítio e para as proximidades de sua entrada. Somente com a implementação do primeiro condomínio em meados dos anos 1980 é que a paisagem local irá passar por maiores intervenções, com a utilização das lagoas naturais para o lazer, o calçamento das ruas e introdução de equipamentos como a transferência da Escola Municipal, bares, mercearias, linha de ônibus, dentre outros.

Para melhor compreender esse espaço foram realizadas entrevistas com transeuntes, moradores antigos, comerciantes e com o presidente da Associação de Moradores. Também foram realizados percursos com o ônibus da universidade e a pé. Efetuaram-se visitas ao haras, aos três condomínios existentes e às lagoas e empreendeu-se também uma oficina em que se elaboraram mapas mentais sobre a paisagem com estudantes do 5^a ano da Escola Municipal Aurete Pontes Fonseca. Os desenhos foram tomados como meio para os estudantes comunicarem suas experiências ambientais e, para a interpretação toponímica, como instrumento para a análise da percepção. Isso permitiu associar os elementos da paisagem natural aos da paisagem construída (Kozel, 2001), somando às demais técnicas adotadas no percurso etnogeográfico. Esse conjunto de técnicas possibilitou a elaboração dos mapas voltados para a análise da toponímia de Fazenda Velha, com uso de imagens de satélites do Google Earth, associadas aos dados da Base de Faces de Logradouros do Censo Demográfico 2010 e os Setores Censitários⁶.

⁴ Ver Nogueira (2006); Landau *et al.* (2011); Faria, Nogueira e Oliveira (2012); Paula-Santos *et al.* (2018).

⁵ Essas e outras informações preliminares foram levantadas por João Lourenço dos Anjos, discente matriculado na disciplina e integrante da equipe de campo.

⁶ A Base de Faces de Logradouros fornece os logradouros segmentados em quarteirões, compatível com os setores censitários definidos para a coleta do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2019).



3. AS ANÁLISES OBJETIVA E SUBJETIVA DA PAISAGEM CULTURAL

Um dos procedimentos para identificar as marcas na paisagem é a sua descrição mediante um inventário dos monumentos construídos, agricultura, habitações, morfologia, vegetação, bem como de conceitos e símbolos, entre outros elementos. Entretanto, esse procedimento descritivo deve ser elaborado objetivando não a paisagem, mas sim o que ultrapassa o percebido, revelando as abstrações existentes por trás dos elementos isolados. Para tanto, precisa evidenciar os aspectos culturais, as mudanças nas escalas temporais e espaciais, bem como procurar trazer imbricada a uma densa descrição as matrizes que dão sentido à configuração posta (HOLZER, 2004). Vale dizer que se trata das marcas na paisagem que naturalmente ultrapassam as características físicas de seus elementos, sendo por isso carregadas de memórias, sentidos e significados.

É sugestivo pontuar que Fazenda Velha surgiu do desmembramento de uma antiga fazenda, distante quinze quilômetros da sede municipal, constituindo um bairro rural de Sete Lagoas, por conta de suas características socioterritoriais.⁷ Situa-se à margem de importante via de circulação, a BR-040, e em 2016 teve sua categorização alterada, passando de área rural à área de interesse urbano e vindo a tornar-se um dos locais para o incentivo da expansão urbana (SETE LAGOAS, 2006). Esse fato permeia as relações socioespaciais incidentes na paisagem cultural local, constituindo um híbrido e revelando um constante entrelaço dialético, entre novo e o velho, o tradicional e o moderno, o urbano e o rural, onde se materializam e se explicitam também relações desiguais.

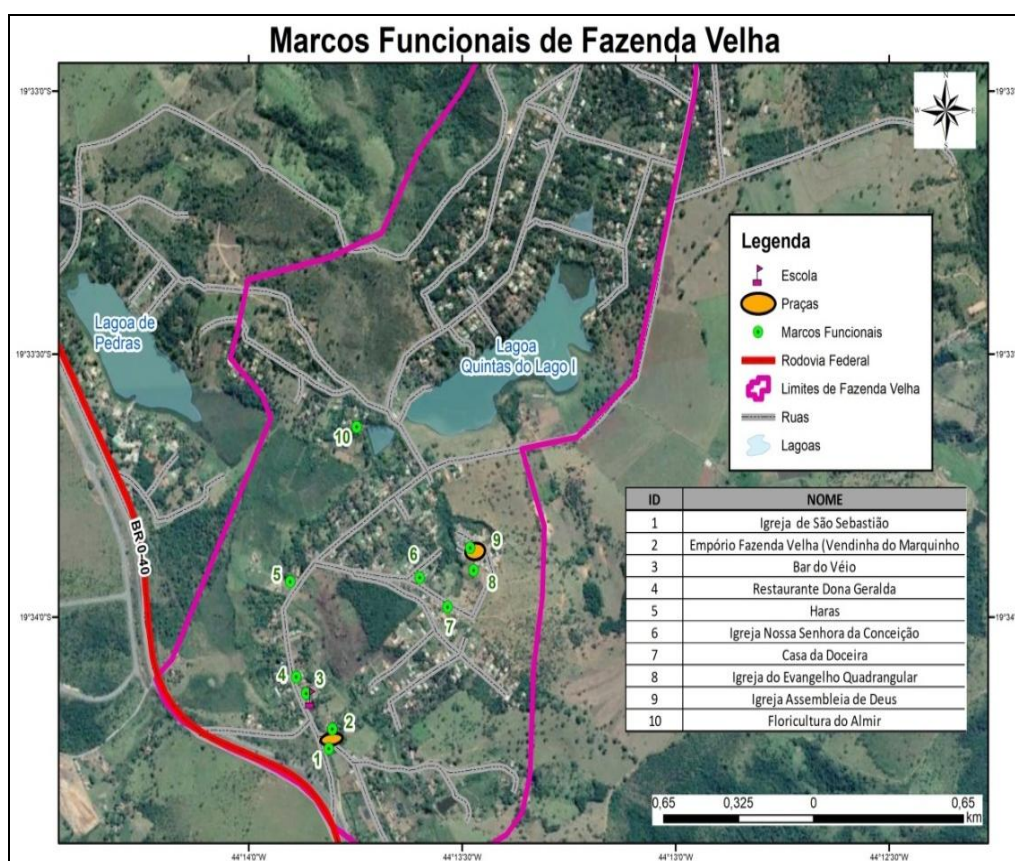
O olhar detalhado às formas e contextos dessa paisagem revela indícios desse entrelaço dialético, pelas horizontalidades aí observáveis – atuação de grupos locais conformando representações – e pelas verticalidades advindas dos processos de escalas e atuações exógenas, dando visibilidade às formas de apropriação do espaço aí incidentes (SANTOS, 2006). Nesse entrelaço, incluir-se-iam as relações estabelecidas pela comunidade local com a população oscilante de condomínios e chácaras, bem como aquelas imbricadas com as práticas religiosas. A presença de condomínios fechados, chácaras e de um haras, entretanto, imprime caráter segregacionista à estrutura socioespacial local e condiciona uma vivência coletiva superficial e dependente das ações com os “moradores” efêmeros, além da privatização de espaços de sociabilidades, a exemplo da apropriação das lagoas, e o deslocamento das ocupações rurais da população local para atividades domésticas, de zelador, vigia e porteiro.

⁷Apropriamo-nos aqui dos postulados de Bombardi (2004) e Candido (2003) sobre as principais características de um bairro rural: a base territorial; o sentimento de localidade; a convivência; as práticas de auxílio mútuo; as atividades lúdico-religiosas.

Foi assim, que se percebeu uma prática espacial de subjetividades identitárias, de modo que diferentes agrupamentos se manifestam simbolicamente no povoado, influenciando nas relações de pertencimento. E essas práticas espaciais subjetivas, representadas especialmente pelas religiões, revelam-se mais “por fronteiras simbólicas e perenes do que por fronteiras topográficas ou simplesmente políticas.” (MENESES, 2016, p. 151)

Por meio das entrevistas com os moradores locais e dos mapas mentais produzidos pelos estudantes da escola municipal, foram identificados marcos funcionais impressos pelas relações horizontais orgânicas que nos deram uma visão do que as pessoas consideram como sendo a extensão e/ou limites de Fazenda Velha (Figura 2). Eles evidenciam as igrejas (católicas e protestantes) como marcos na paisagem, reforçados pelo sentimento de pertencimento local, complementados pelos estabelecimentos comerciais, pela escola e pela sede da Associação – que lhes oferece serviços médicos e correios, dentre outros – e, ainda, pelo haras promotor de festa anual que projeta Fazenda Velha regionalmente.

Figura 2: Marcos funcionais de Fazenda Velha.



Elaboração: Jessica dos Santos, 2019.

A praça da igreja de São Sebastião, situada na entrada do povoado, representa a centralidade local, pois estão em seu entorno os principais serviços e é onde se realizam as



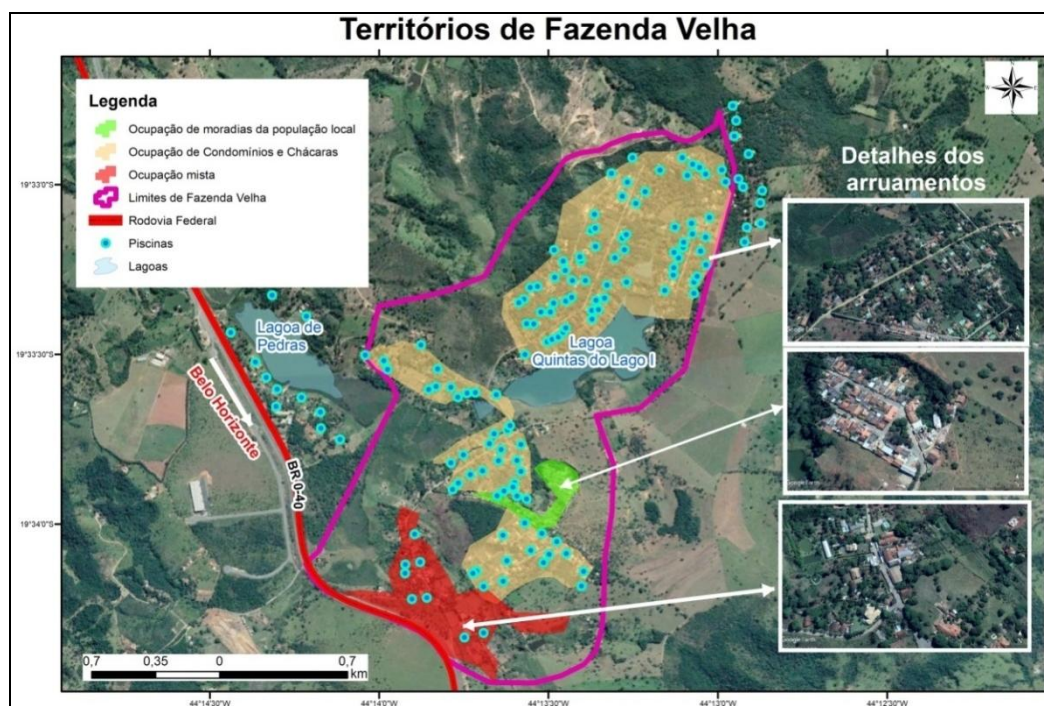
festividades.⁸ A igreja de Nossa Senhora da Conceição⁹ foi erigida em um ponto alto, na Rua do Cruzeiro, representando outro marco importante, além de delimitar a área de lotes doados pela prefeitura daquela de antigos moradores, dos condomínios e chácaras. Ali se pode observar concentração da população fixa do povoado. Na parte abaixo da igreja percebe-se a ocupação em pequenos lotes mesclados com chácaras, estas destacadas na paisagem pelos muros altos, pelo padrão de jardinagem composto por plantas ornamentais exóticas, entradas bem demarcadas e construções distantes dos portões.

O cotidiano dos moradores altera-se ao longo da semana, dos meses do ano e dias de festas, o que transforma a paisagem, que se faz e se desfaz com novos movimentos, outras presenças e diferentes sons. A tranquilidade e a vagareza observadas no povoado durante a semana são quebradas nos fins de semana, nos feriados, nas férias de verão, nos dias das festas religiosas e do haras. Fazenda Velha, que foi estabelecimento rural, tornou-se uma vilazinha; depois, povoado; e desenvolve-se na atualidade como aglomeração urbana de pequeno porte já destacada nos mapas, e que aos poucos se “conurba” com Sete Lagoas.

Assim, as marcas observadas no percurso etnogeográfico em sintonia com o material coletado em Fazenda Velha permitiram-nos inferir três territórios imbricados com as paisagens culturais locais, identificados pelas concepções de ocupações/relações. Atenta-se que tais ocupações/relações representam práticas e ações de poder de grupos sociais locais, associados aos condomínios e chácaras, bem como aquelas decorrentes das religiões e espacialização de seus templos, constituem e traduzem elementos de coesão dos territórios pelos constitutivos funcionais e identitários que representam. Neste sentido, os territórios identificados são: (i) predomínio de condomínios e chácaras; (ii) predomínio de moradias da população local e, (iii) ocupação mista, que se mescla aos anteriores (Figura 3). Observamos, a propósito, que o detalhe dos arruamentos em cada um desses territórios, a disposição dos lotes e a visibilidade que têm as piscinas distantes dos moradores locais revelam territórios que evidenciam intencionalidades da apropriação humana deste espaço.

⁸No entorno: Agência dos Correios, Posto Médico, Salão da Associação, ponto de ônibus e Empório do Marquinho. Próximo: Bares, Escola Municipal, entrada do Haras e loja de produtos agropecuários.

⁹Uma pequena capela.

**Figura 3:** Territórios de Fazenda Velha.**Elaboração:** Jessica dos Santos, 2019.

Ao serem considerados os aspectos que ultrapassam as descrições físicas e os elementos materiais, a paisagem matriz de Fazenda Velha se revela, também, por meio da análise das nomeações de suas ruas. Ademais, valendo-nos da base de logradouros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, foi possível compreender e relacionar, nesse sentido, as representações e a formação das identidades e memórias, além de se observar aí a influência exercida por grupos sociais e a dominação de uns sobre outros. Em Fazenda Velha existem vinte e duas ruas, uma avenida e uma estrada secundária. Metade das ruas está localizada no território em que predominam condomínios e chácaras.

Com base na classificação taxionômica de topônimos de Dick (1990), identificamos que a maior parte dos registros toponímicos (75%) aí incidentes é de natureza antropocultural, com uma distribuição simétrica entre as temáticas, quais sejam: sete ruas com antropotopônimos (que se relacionam, portanto, com os nomes próprios individuais: prenome, hipocorístico, prenome mais alcunha, apelidos de famílias); seis de temáticas correspondentes a hierotopônimos (relacionados a nomes sagrados de diferentes crenças religiosas, à efemérides religiosas, à associações religiosas e a locais de culto: igreja, capela); e, por fim, cinco ruas com nomes de temáticas relacionadas a numerotopônimos (relativos a numerais). Outra parcela dos registros (25%) corresponde a um conjunto de topônimos de natureza física, abrangendo três ruas com temáticas fitotopônimas (relacionadas a elementos da flora) e apenas uma rua com a temática zootopônima (relativa a



elementos faunísticos). Foram detectadas ainda duas ruas sem denominação e pequenos trechos para o atendimento local das necessidades de deslocamento dos habitantes (Quadro 1).

Quadro 1: Classificação taxonômica de topônimos

Nome	Tipo de logradouro *	Ocupação **	Natureza	Temática
Sem denominação	Rua	Mista	-	-
Leonídio Alves Faria	Rua	Mista	Antropo-cultural	Antropotopônimos
Ludgero Gonçalves Borba	Rua	Mista	Antropo-cultural	Antropotopônimos
São Sebastião	Rua	Mista	Antropo-cultural	Hierotopônimos
Via Local	Rua	Local	-	-
Belchior G de Pinto	Rua	Local	Antropo-cultural	Antropotopônimos
Do Cruzeiro	Rua	Local	Antropo-cultural	Hierotopônimos
Betel	Rua	Local	Antropo-cultural	Hierotopônimos
Jeová Jiré	Rua	Local	Antropo-cultural	Hierotopônimos
El Shaday	Rua	Local	Antropo-cultural	Hierotopônimos
Siloé	Rua	Local	Antropo-cultural	Hierotopônimos
Felipe Castro de Bahia	Rua	Condomínios e chácaras	Antropo-cultural	Antropotopônimos
Francisco Pontello	Rua	Condomínios e chácaras	Antropo-cultural	Antropotopônimos
Saint Clair Fonseca	Rua	Condomínios e chácaras	Antropo-cultural	Antropotopônimos
José Fonseca Pires	Avenida	Condomínios e chácaras	Antropo-cultural	Antropotopônimos
Das Rosas	Rua	Condomínios e chácaras	Natureza física	Fitotopônimos
Dos Cravos	Rua	Condomínios e chácaras	Natureza física	Fitotopônimos
Das Tulipas	Rua	Condomínios e chácaras	Natureza física	Fitotopônimos
Um	Rua	Condomínios e chácaras	Antropo-cultural	Númerotopônimos
Dois	Rua	Condomínios e chácaras	Antropo-cultural	Númerotopônimos
Quatro	Rua	Condomínios e chácaras	Antropo-cultural	Númerotopônimos
Três	Rua	Condomínios e chácaras	Antropo-cultural	Númerotopônimos
Cinco	Rua	Condomínios e chácaras	Antropo-cultural	Númerotopônimos
Cascavel	Estrada	Condomínios e chácaras	Natureza física	Zootopônimos

Fonte: IBGE (2010); levantamento de campo. **Organização:** Jéssica dos Santos e Ana Carolina Silva.

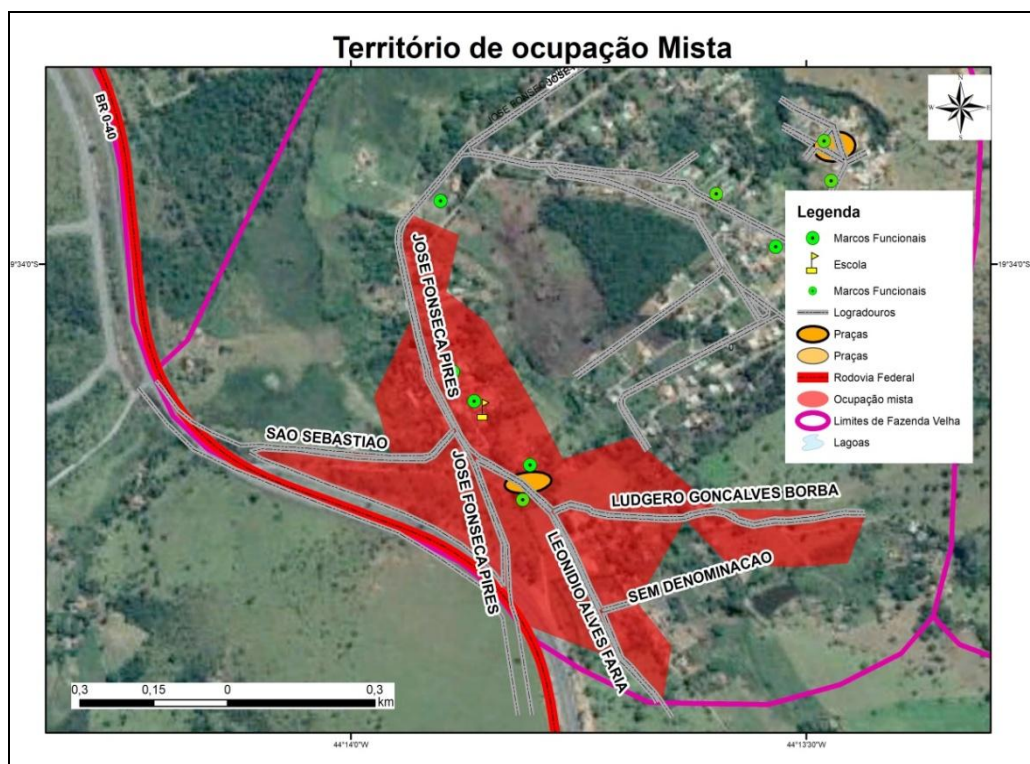
* Informações de acordo com a Base Cartográfica de Logradouros do IBGE.

** Territórios definidos com base nas observações de campo e das imagens de satélite.

Proceder à sobreposição dos topônimos na base de logradouros evidencia o auxílio valioso da toponímia para a compreensão de relações que extrapolam a materialidade de seus arranjos no espaço (e na paisagem), como, por exemplo, relações de pertencimento, além de motivações implícitas ou ocultas nas nomeações. A análise que se segue procura desvelar, mesmo que em parte, as relações e motivações implícitas e explícitas da nomeação dos logradouros de Fazenda Velha.

No território de ocupação mista (Figura 4), as toponímias são compostas essencialmente por antropotopônimos, com nomes de pessoas que tiveram, presumivelmente, alguma importância na escala local. Embora não tenha sido possível verificar qual foi a história vivenciada pelas pessoas desse território e quais foram as relações estabelecidas por elas com o povoado, registramos como exceção à Av. José Fonseca Pires. De acordo com entrevistados, tal personagem teria sido um dos antigos proprietários da fazenda onde se implantou o povoado, pelo desmembramento do estabelecimento rural e consequente venda de lotes. Nesse sentido ficou evidente a relevância que tal personagem, antigo proprietário, assumiu nesse lugar.

Figura 4: Toponímia do território de ocupação mista.



Elaboração: Jéssica dos Santos, 2019.

Ainda nesse território misto destaca-se a Rua São Sebastião, relacionada ao padroeiro e que configura a centralidade do povoado. A praça homônima e a igreja são os locais onde, vale assinalar, ocorrem os festejos e os encontros tradicionais desse lugar. E embora não seja a igreja

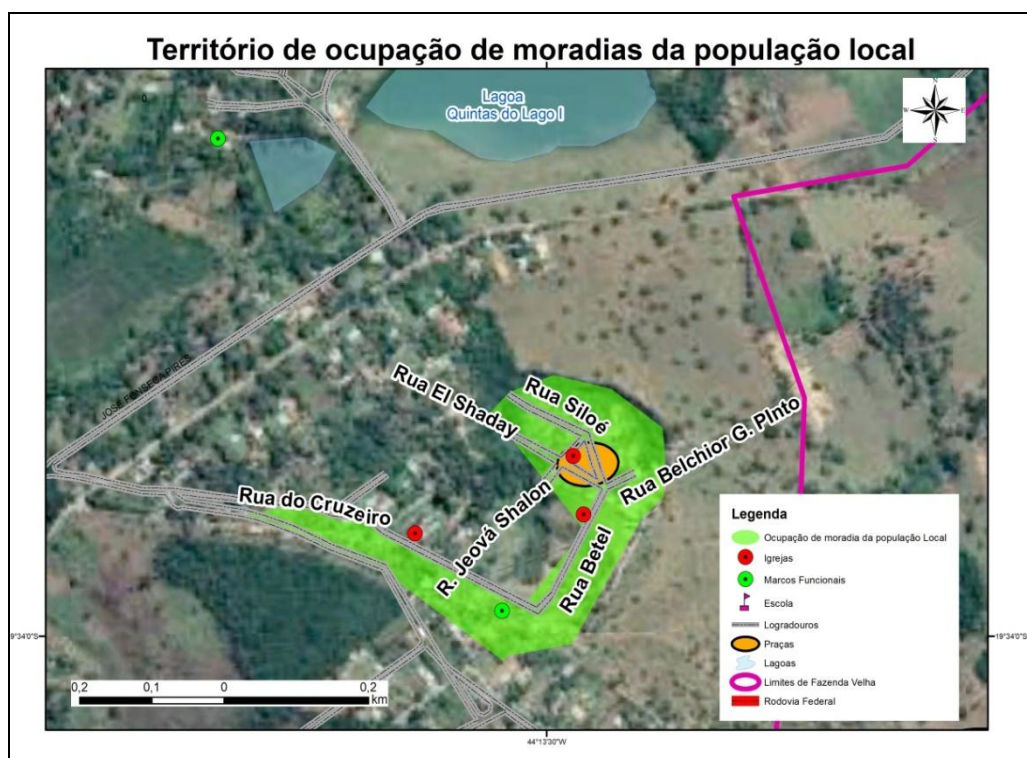
O território com predomínio de condomínios e chácaras (Figura 5) revela pouco pertencimento ao lugar. Já as ruas de denominação “numerotopônicas” têm como motivação, para tal, apenas o sentido de ordenação e localização dos lotes, ao passo que as ruas de denominação “fitotopônicas” representam uma ação de *marketing* para a especulação imobiliária. Assinala-se que esses empreendimentos imobiliários, os condomínios fechados e chácaras, têm uma funcionalidade específica que remete a pressupostos tais como: a localização de áreas com disposição de extensas glebas de terras rurais baratas, próximas à rodovia que lhes permite acesso rápido; e presença de cobertura vegetal e lagoas que representam a antítese do urbano, facilidades para consumo de produtos básicos, circulação e privacidade. Nessa perspectiva, os nomes com referências a flores só vêm selar esse ideal de natureza e urbano híbridos.

[illegible]

As ruas situadas no território com predomínio de moradias da população local (Figura 6) revelam-nos relações com a paisagem matriz de Fazenda Velha. Nestes territórios apresentam-se dois grupos locais de influência, permeados pelas religiões atuantes no povoado. As manchas observadas na figura 6 se assemelham pela influência religiosa e se distinguem pelas diferenças de

conformação entre as paisagens católica e pentecostal. Com efeito, a totalidade das temáticas toponímicas neste território é constituída por hierotopônimos, isto é, são concernentes aos nomes sagrados das crenças religiosas, espacialidades festivas, a associações religiosas e a locais de culto: igrejas, capela etc. Revelaram-se aspectos explícitos de pertencimento seja pelas relações de poder que aí transparecem, seja pelos modos de vida.

Figura 6: Toponímia do território com predomínio de moradias da população local.



Elaboração: Jéssica dos Santos, 2019.

Nesse contexto, acordamos com Rosendahl (2013) ao atribuir a religião como um elemento condicionante das espacialidades e territorialidades observadas neste território. A religião é aqui entendida como um sistema de símbolos sagrados envolvendo produção, consumo, exercício de poder, fluxos e agentes sociais que, por intermédio dos aspectos econômicos, políticos e culturais, contribuem para a análise territorial. Nota-se, desse modo, que as instituições religiosas se apresentam como importantes agentes modeladores do espaço, com poderes simbólicos para criar, fragmentar e fundir territórios e territorialidades. Para Rosendahl (2013), o espaço é revelador do potencial da religião como fenômeno geográfico social, uma vez que ela gera ações de (re) construções e (re) significações do espaço. Pereira (2013) acrescenta a simultaneidade dessas ações entre o concreto e o simbólico e Menezes (2016, p. 149) diz que é no “tempo e no espaço que o sagrado se manifesta e semiografa indelevelmente como um mapa permanente, das



fronteiras entre o eu e o outro” e que se evidenciam pelas nomeações dos logradouros de Fazenda Velha.

Na paisagem cultural de Fazenda Velha, a apropriação e o controle do território são mediados em grande parte pelas religiões atuantes no mesmo, podendo ser nele observados tanto por seus aspectos políticos e materiais quanto por seus aspectos simbólicos. Sendo assim, os templos representam os meios materiais e visíveis de apropriação dos territórios acoplados a tal paisagem.

A toponímia Rua do Cruzeiro expõe, além da denominação explicitamente religiosa, a evidência de uma marca/matriz bem característica da apropriação e constituição de um espaço sagrado, mediado pela Igreja Católica. Chama a atenção o cruzeiro à frente da capela de Nossa Senhora da Conceição, situada no ponto mais alto do povoado, tradição herdada dos portugueses, que imprimiam seu poder, com igrejas ou fortificações, nos promontórios mais destacados na paisagem, estabelecendo marcas e uma estreita relação entre paisagem e religião. É nessa perspectiva, sobretudo, que Sack (1986) classicamente postula que o conceito de territorialidade remete a uma estratégia de controle vinculada ao contexto social, reconhecida como uma ação de manutenção de poder e controle sobre determinado território.

Em vista disso, também é importante destacar a paisagem como artifício transformador e ao mesmo tempo condicionante compondo aspectos culturais relevantes da sociedade, expressando valores, posturas e o ser humano como contemplador e explorador (SILVEIRA, 2009).

No momento da pesquisa de campo a capela de Nossa Senhora da Conceição apresentava-se com pintura recente e a área correspondente ao pátio do Cruzeiro estava “limpa”, sem matos. Um cartaz fixado no muro de uma casa ao lado informava a realização, nesse local, da festa da Santa, ocorrida na semana anterior, com a programação e duração de dois dias. Um dos entrevistados relatou que a capela estava abandonada, mas com a reforma, em mutirão, foi possível retomar a festa, pontuando que o andor percorreu as ruas do povoado com uma “grande” carreata. Esse e outros moradores fizeram, inclusive, referência à importância assumida pelos festejos realizados em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, associados, até mesmo, a manifestações populares como o Congado,¹⁰ o que nos traz à mente as sinalizações de Rosendahl (2013) de que o fenômeno religioso tem o poder de controlar pessoas e processos incidentes em seus territórios.

¹⁰ Folguedo de formação afro-brasileira, geralmente vinculado às tradições angolanas, algumas representando a conversão dos mouros e assinalando o sincretismo (CASCUDO, 2000).



Segundo Bonametti (2010) a paisagem por meio de seus processos de influências sempre procurou expressar o exercício de poder fortalecendo os arquétipos políticos, econômicos, estéticos e culturais. Deste modo, a paisagem deve ser percebida a partir de um arranjo espacial sujeito a valores, paradigmas, e princípios inerentes à sociedade a que pertence.

Ao término da Rua do Cruzeiro observa-se a mudança da nomenclatura para Rua Betel. Cabe registrar que, embora os templos das religiões protestantes locais também materializem a presença destas representações no espaço, o que se destaca na construção de territórios (naturalmente acoplados às paisagens culturais locais, ou vice-versa) são as toponímias de viés religioso. Como observado na Figura 6, a Rua Betel termina em área em que se situam outros logradouros com topônimos religiosos, formando os logradouros da área de lotes doados pela prefeitura pela intervenção da pastora da Igreja do Evangelho Quadrangular, também antiga moradora do lugar. Foi a pastora que nos informou sobre o processo de implementação da infraestrutura local, como a abertura das ruas e construção da praça, realizadas pelos próprios moradores à época, ou seja, aqueles beneficiados com a “doação” de lotes, o que revela a dimensão política observável na configuração deste território.

Nesse pequeno território identificou-se, além do templo da Igreja do Evangelho Quadrangular, um templo da Igreja Assembleia de Deus. Nele, vale o destaque, ocorrem eventos distintos daqueles do restante do povoado e os quais, por vezes, desenrolam-se simultaneamente aos eventos religiosos e pagãos, por sua vez, desenvolvidos na Praça São Sebastião. Como podemos notar, demarca-se, assim, uma territorialidade específica, “constituída de relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com a exterioridade” (RAFFESTIN, 1993, p. 193) explicitamente direcionada ao exercício de tais práticas religiosas. Os dois templos mostram-se como marcos funcionais e de poder dos detentores exclusivos da “produção e da reprodução do saber sagrado, que fazem e desfazem o território religioso” (ROSENDAHL, 2013, p. 171).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida mostrou que o entendimento das relações de apropriação e uso de territórios para além das materialidades na paisagem possibilitou o entendimento também dos registros toponímicos como legitimação do poder de determinados grupos sociais. As toponímias de Fazenda Velha, em particular, evidenciaram-se como importantes instrumentos de reafirmação das identidades, especialmente no que concerne aos territórios religiosos, os quais, especialmente, se expressam para além das dimensões simbólica e ritualística, configurando-se como lócus de práticas socioculturais.



Os levantamentos prévios e a definição da paisagem como categoria conceitual norteadora para a apreensão e análise dos processos investigados foram fundamentais para o êxito da pesquisa de campo. Tais procedimentos possibilitaram o estabelecimento de distinções entre as territorialidades oriundas das relações locais e o processo pelo qual elas estão “grafadas” nas toponímias das ruas. Outrossim, permitiram notar que, da mesma maneira que a paisagem é um reflexo de interações sociais e de poder, também é a expressão de hábitos e costumes de segmentos da população que se domiciliaram nesse lugar, influenciando os comportamentos locais.

Os nomes dos lugares/paisagens em Fazenda Velha – e mais especificamente de suas ruas – representam as práticas e ações de poder de grupos locais, (como os moradores dos condomínios, e os agentes ligados às religiões atuantes no local), que influenciam diretamente as memórias sociais da população. Relações dialéticas de atuação e apropriação do espaço, analisadas por meio das horizontalidades (constituídas pelas atuações de poder dos grupos sociais locais supracitados) e, das verticalidades (representadas por processos de escalas e atuações exógenas como o zoneamento municipal que define Fazenda Velha, como área de expansão urbana), emergem como cruciais. Nessa perspectiva, observa-se que elas podem ser ilustradas por meio das toponímias, revelando, por sua vez, principalmente as relações de pertencimento vivenciadas nesse lugar.

Olhar para essas particularidades, em constante diálogo com as diferentes escalas de análise e ações ligadas à representação do município de Sete Lagoas, propiciou evidenciar resultados da realidade atual vinculados ao histórico sociogeográfico construído pelo município. Esse exercício de compreensão da Fazenda Velha, mais que apresentar suas geometrias, identificou os diferentes territórios constituídos nesse território e levou à compreensão das microgeografias contidas nas paisagens, tanto pelo rastreamento de suas marcas e matrizes quanto pela apreensão de suas materialidades e simbologias.

Utilizar os estudos toponímicos como elemento principal da pesquisa possibilitou compreender as dimensões ontológicas, a dominação territorial, as identidades, significações e motivações associadas aos atributos socioculturais locais. Assim, pôde-se verificar que os registros toponímicos correspondem a importantes testemunhos históricos da vida social de um povo ou comunidade, constituindo registros de tomada de posse – simbólica ou real. Enfim, esse tipo de estudo pode ser configurado como uma alternativa para a obtenção de conhecimento sobre a cosmovisão das comunidades que ocupam ou ocuparam determinada paisagem ou território, além de suas heranças e suas culturas.



REFERÊNCIAS

- BERQUE, Augustin. A paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- BOMBARDI, Larrisa Mies. O bairro rural como identidade territorial: a especificidade da abordagem do campesinato na Geografia. **Agrária**, São Paulo, n. 1, p. 55-95, 2004.
- BONAMETTI, João Henrique. A paisagem urbana como produto do poder. Paraná. **URBE - Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 2, n. 2, 2010.
- CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 10. ed. rev. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9. ed. São Paulo: Global, 2000.
- COSGROVE, Denis E. Em direção a uma Geografia Cultural radical: problemas de teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- DEUS, José Antônio Souza; BARBOSA, Liliane de Deus; CASTRO, Henrique Moreira. **Mesopotâmia mineira**: toponímia, identidades e cultura dos Sertões: Belo Horizonte: Sangre, 2019.
- DEUS, José Antônio Souza; FERREIRA, Cosme Damião D.; RODRIGUES, Ronan S. Preservação da área cárstica de Lagoa Santa, MG, através da Educação Ambiental. **Geonomos**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 49-54, dez. 1997.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil**: coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.
- FARIA, Tereza Cristina de Azevedo; NOGUEIRA, Marly; OLIVEIRA, Felipe Bertelli. A centralidade de Sete Lagoas e sua relação com os fluxos populacionais desde sua industrialização efetiva (1960-2010). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 18, 2012, Águas de Lindoia. **Anais...** v. 1, p. 1-16, Águas de Lindoia, 2012.
- GLUSZEVICZ, Ana C.; BORGES, Emilene S.; VIEIRA, Sidney G. Estudo da geonímia histórica do Rio Grande do Sul, anotada com base no “Dicionário Geographico, Histórico e Descritivo do Império do Brazil, 1885”. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA, 16, 2010, Porto Alegre, RS. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- HOLZER, Werther. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 17-18, p. 55-63, 2004.



IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Base de dados vetoriais da malha territorial brasileira**. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>. Acesso em: mar. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Base de dados por municípios das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do Brasil**. 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>. Acesso em: 26 fev. 2020.

KOZEL, Salete. **Das imagens à imagem do Geográfico**: Curitiba, a capital ecológica. Tese (Doutorado) São Paulo: USP, 2001.

LANDAU, Elena Charlotte et al. Expansão urbana da cidade de Sete Lagoas/MG entre 1949 e 2010. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO – SBSR, 15., 2011, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba: INPE, p. 4011-4016, 2011.

MENESES, Karina Arroyo Cruz Gomes. A Fenomenologia na Geografia da Religião e a espacialização Hierofânica. **Synesis (online)**, v. 8, p. 148-166, 2016.

NOGUEIRA, Marly. A construção de uma centralidade urbana: Sete Lagoas (MG). **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 18, n. 35, p. 109-121, dez. 2006.

PAULA-SANTOS, Gustavo Macedo et al. Rare Earth elements of carbonate rocks from the Bambuí Group, southern São Francisco basin, Brazil, and their significance as paleoenvironmental proxies. **Precambrian Research**, v. 305, p. 327-340, 2018.

PEREIRA, Clevisson Junior. Geografia da religião: Um olhar panorâmico. **Ra'ega: o espaço geográfico em análise**. v. 27, p. 10-37, 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática 1993.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma proposta geográfica para o estudo da religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. v. 2, p. 169-178.

SACK, Robert. **Human territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVEIRA, Emerson Lizandro Dias. **Paisagem**: um conceito-chave em Geografia. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA – EGAL, 12, Montevideu, 2009. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/23pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.



SETE LAGOAS. Prefeitura Municipal de Sete Lagoas. **Plano Diretor de Sete Lagoas**: Lei de Uso e Ocupação do Solo. Sete Lagoas, MG, 2006.

SILVA, Maria Weilanny Pinheiro; OLIVEIRA; Maria Odaisa Espinheiro. O bibliotecário pesquisador: um estudo com topônimos transplantados. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, p. 1-11, out. 2012.

.